

John Grisham

O advogado
rebelde

Tradução de Geni Hirata

Rocco

1

Meu nome é Sebastian Rudd e, embora eu seja um advogado famoso, você não verá meu nome em outdoors, em ônibus ou em anúncios berrantes nas Páginas Amarelas. Eu não pago para ser visto na televisão, embora sempre esteja lá. Meu nome não consta de nenhum catálogo telefônico. Eu não tenho um escritório convencional. Carrego uma arma, legalmente, porque meu nome e meu rosto tendem a chamar a atenção do tipo de pessoas que também carregam armas e não têm escrúpulos em usá-las. Moro sozinho, geralmente durmo sozinho, e não possuo a paciência e a compreensão necessárias para manter amizades. A lei é a minha vida, sempre desgastante e às vezes gratificante. Eu não a chamaria de uma “amante ciumenta”, como alguém já esquecido disse certa vez de forma tão memorável. É mais como uma esposa autoritária que controla o talão de cheques. Não há escapatória.

Ultimamente, tenho dormido em quartos baratos de motéis que mudam toda semana. Não estou tentando economizar dinheiro; só estou tentando me manter vivo. Há muita gente que gostaria de me matar agora mesmo, e alguns deles já declararam isso alto e bom som. Eles não lhe dizem na Faculdade de Direito que um dia você pode se ver defendendo uma pessoa acusada de um crime tão hediondo que cidadãos normalmente pacatos sentem-se impelidos a pegar em armas e ameaçar matar o acusado, seu advogado e até mesmo o juiz.

No entanto, já fui ameaçado antes. Faz parte da condição de um advogado rebelde, trapaceiro e artiloso, uma subespecialidade da profissão para a qual eu mais ou menos descambei há dez anos. Quando terminei a Faculdade de Direito, os empregos eram escassos. Com relutância, aceitei um cargo de meio expediente na Defensoria Pública da City. De lá, aportei em uma firma pequena, não rentável, que lidava exclusivamente com defesa criminal. Após alguns anos, essa firma foi pelos ares e fiquei por conta própria, na rua com muitos outros, lutando para ganhar uns trocados.

Um caso me colocou no mapa. Não posso dizer que me tornou famoso porque, vamos e venhamos, como se pode dizer que um advogado é famoso em uma cidade de um milhão de pessoas? Muitos picaretas locais acham que são famosos. Eles sorriem em outdoors enquanto pedem sua falência e se aprumam com arrogância em anúncios de televisão enquanto parecem profundamente preocupados com seus danos pessoais, mas são obrigados a pagar por sua própria publicidade. Não eu.

Os motéis baratos mudam a cada semana. Estou no meio de um julgamento em uma cidadezinha do interior, atrasada, caipira e tristonha chamada Milo, a duas horas de onde eu moro na City. Estou defendendo um desmiolado de dezoito anos, acusado de matar duas meninas em um dos crimes mais terríveis que já vi, e tenho visto muitos. Meus clientes são quase sempre culpados, portanto, não perco meu tempo torcendo as mãos, preocupando-me se eles estão tendo o que merecem. Neste caso, entretanto, Gardy não é culpado, não que isso tenha importância. Não tem. O que importa em Milo atualmente é que Gardy seja condenado, sentenciado à morte e executado o mais rápido possível, de modo que a cidade possa se sentir melhor a respeito de si mesma e seguir em frente. Seguir em frente para onde, exatamente? Não faço a menor ideia, nem quero fazer. Esse lugar está regredindo há cinquenta anos e uma droga de veredicto não vai alterar seu curso. Eu li e ouvi

dizer que Milo precisa de “fechamento”, o que quer que isso signifique. Seria preciso ser um idiota para acreditar que esta cidade irá de alguma forma crescer, prosperar e se tornar mais tolerante assim que Gardy receber a injeção.

Meu trabalho é multifacetado e complicado, e, ao mesmo tempo, é bastante simples. Estou sendo pago pelo Estado para prover uma defesa de primeira classe a um réu acusado de homicídio doloso qualificado sujeito à pena de morte, e isso requer que eu lute, esbraveje e faça um escândalo em uma sala de tribunal onde ninguém está ouvindo. Gardy foi basicamente condenado no dia em que foi preso e seu julgamento não passa de uma formalidade. Os policiais burros e desesperados anunciaram as acusações e forjaram as provas. O promotor público sabe disso, mas não tem escrúpulos e está preocupado com sua reeleição no próximo ano. O juiz dorme. Os jurados são no fundo pessoas simples e amáveis, assustadas com o processo e sempre ansiosas para acreditar nas mentiras que suas arrogantes autoridades fabricam no banco das testemunhas.

Milo tem sua cota de motéis baratos, mas não posso ficar lá. Eu seria linchado, esfolado, queimado vivo ou, se tivesse sorte, um franco-atirador me acertaria entre os olhos e tudo terminaria em um átimo de segundo. A polícia estadual está dando proteção durante o julgamento, mas tenho a clara impressão de que esses sujeitos não estão muito interessados nisso. Eles me veem do mesmo modo que a maioria das pessoas. Sou um fanático aloprado de cabelos compridos, suficientemente canalha para lutar pelos direitos de assassinos de crianças e afins.

Meu motel atual é um Hampton Inn localizado a vinte e cinco minutos de Milo. Custa sessenta dólares por noite e o Estado me reembolsará. No quarto ao lado está Partner, um sujeito parrudo, fortemente armado, que usa ternos pretos e me leva para todo lugar. Partner é meu motorista, guarda-costas, confidente, assistente jurídico, *caddie* e único amigo. Conquistei sua lealdade quando um júri o considerou inocente de matar

um agente da Narcóticos infiltrado. Nós deixamos a sala do tribunal de braços dados e nos tornamos inseparáveis desde então. Em ao menos duas ocasiões, policiais à paisana tentaram matá-lo. Certa vez, vieram atrás de mim.

Ainda estamos de pé. Ou talvez eu deva dizer que ainda estamos driblando nossos adversários.

2

Às oito da manhã do dia seguinte, Partner bate em minha porta. É hora de ir. Cumprimentamo-nos e entramos no meu veículo, que é uma van de transporte Ford, preta, inteiramente adaptada às minhas necessidades. Como também serve de escritório, os bancos traseiros foram rearranjados ao redor de uma pequena mesa dobrável junto à parede da van. Há um sofá no qual muitas vezes passo a noite. Todas as janelas são obscurecidas e à prova de balas. Há também uma televisão, um aparelho de som estéreo, internet, geladeira, bar, algumas armas e uma muda de roupas. Eu me sento na parte da frente com Partner e nós desembulhamos pãezinhos de linguiça de fast-food enquanto deixamos o estacionamento. Um carro da polícia estadual sem identificação posiciona-se à nossa frente para nos escoltar até Milo. Há outro atrás de nós. A última ameaça de morte ocorreu há dois dias e veio por e-mail.

Partner não fala a menos que alguém fale com ele primeiro. Não criei essa regra, mas eu a adoro. Ele não fica nem um pouco incomodado com longos períodos de silêncio na conversa, nem eu. Após anos sem dizer quase nada, aprendemos a nos comunicar com acenos, piscadelas e silêncio. A meio caminho de Milo, abro uma pasta de arquivo e começo a tomar notas.

O duplo homicídio foi tão horripilante que nenhum advogado local quis tocar no caso. Então, Gardy foi preso, e basta um olhar para saber que ele é culpado. Cabelos compridos pintados de um preto forte e lustroso, uma impressionante coleção de piercings acima do pescoço e de tatuagens abaixo, brincos metálicos combinando, olhos claros e frios, e um risinho afetado que diz: “O.k., fui eu mesmo, e daí?” Em sua primeira reportagem, o jornal de Milo descreveu-o como “membro de um culto satânico, com um registro de abuso sexual de crianças”.

Que tal isso para uma reportagem honesta e imparcial? Ele nunca pertenceu a nenhum culto satânico e o caso de assédio sexual de criança não é o que parece. Mas, a partir daquele instante, Gardy foi considerado culpado e eu ainda me admiro com o fato de termos conseguido chegar aonde chegamos. Há meses que queriam encarcerá-lo.

Desnecessário dizer que todo advogado em Milo trancou sua porta e desligou o telefone. Não há nenhum sistema de defensoria pública na cidade – é pequena demais – e os casos dos que não podem pagar são distribuídos pelo juiz. Há uma regra tácita de que os advogados mais novos na cidade peguem esses casos de baixa remuneração porque 1) alguém tem que pegá-los e 2) os advogados mais velhos o fizeram quando eram mais novos. Mas ninguém aceitou defender Gardy e, para ser franco, não posso realmente culpá-los. É a cidade deles e a vida deles, e ficar do lado de um assassino tão perverso poderia causar danos irreparáveis a uma carreira.

Como sociedade, nós nos apegamos à crença em um julgamento justo para uma pessoa acusada de um crime grave, mas alguns de nós resistem quando a questão é fornecer um advogado competente para garantir o dito julgamento justo. Advogados como eu vivem com a pergunta: “Mas como você é capaz de representar essa escória?”

Eu respondo com um rápido: “Alguém tem que fazer isso”, enquanto me afasto.

Nós realmente queremos julgamentos justos? Não, não queremos. Queremos justiça, e depressa. E justiça é qualquer coisa que consideramos ser em uma base casuística.

Também podemos dizer que não acreditamos em julgamentos justos porque certamente não os temos. A presunção de inocência agora é a presunção de culpa. O ônus da prova é uma farsa porque a prova em geral é constituída de mentiras. A culpa para além de qualquer dúvida razoável significa que, se ele provavelmente cometeu o crime, então vamos tirá-lo das ruas.

De qualquer modo, os advogados escafederam-se e Gardy não tinha ninguém para a sua defesa. É uma observação, lamentável ou não, em minha reputação o fato de eu logo ter recebido o telefonema. Nesta extremidade do estado, é consenso nos meios jurídicos que, se não se conseguir mais ninguém, chame Sebastian Rudd. Ele está disposto a defender qualquer um!

Quando Gardy foi detido, uma multidão apareceu diante da cadeia gritando por justiça. Quando a polícia conduziu o suspeito para uma van para o traslado à sala do tribunal, o povaréu xingou-o e atirou pedras e tomates. Isso foi minuciosamente relatado pelo jornal local e até chegou ao noticiário da noite da City (não há nenhuma estação de rede de TV baseada em Milo, apenas uma conexão a cabo de baixa qualidade). Eu berrei por uma mudança de foro, pleiteei junto ao juiz que o julgamento fosse transferido para um local a pelo menos uns cento e cinquenta quilômetros de distância, de modo que pudéssemos encontrar alguns jurados que não tivessem atirado coisas no garoto ou no mínimo lhe rogado uma praga durante o jantar. Mas o pedido foi negado. Todas as minhas petições anteriores ao julgamento foram indeferidas.

Novamente, a cidade quer justiça. A cidade quer fechamento.

Não há nenhuma multidão para receber a mim e a minha van quando dobramos em um pequeno caminho de entrada de carros atrás do tri-

bunal, mas alguns dos atores de sempre estão ali. Eles se amontoam atrás de uma barricada da polícia não muito distante, segurando seus tristes cartazes que apregoam coisas inteligentes como “Enforquem o assassinato de criancinhas”, “O diabo está à espera” e “Fora Rudd!”. Há cerca de uma dúzia dessas almas patéticas esperando para me vaiar e, mais importante ainda, mostrar seu ódio a Gardy, que chegará ao mesmo lugar em cerca de cinco minutos. Nos primeiros dias do julgamento, essa pequena multidão atraía as câmeras e algumas dessas pessoas apareceram nos jornais com seus cartazes. Isso, é claro, encorajou-os, e desde então eles estão ali todas as manhãs. Fat Susie, ou a gorda Susie, como é chamada, segura o cartaz “Fora Rudd!” e parece querer me fuzilar. E Bullet Bob, o Bob bala, alega ser parente de uma das meninas mortas e foi citado como tendo dito algo no sentido de que um julgamento era uma perda de tempo.

Acho que ele tinha razão a respeito disso. Eu estou com medo.

Quando a van para, Partner dá a volta rapidamente até a minha porta, onde é recebido por três jovens guardas mais ou menos do seu tamanho. Eu desço do carro e sou adequadamente protegido, em seguida sou conduzido rapidamente pela porta dos fundos do tribunal enquanto Bullet Bob me xinga de vendido. Outra entrada de segurança. Não tenho notícia de nenhum caso na era moderna em que o advogado de defesa de um criminoso leva um tiro ao entrar em um tribunal no meio de um julgamento. Entretanto, já me resignei à possibilidade de vir a ser o primeiro.

Subimos uma estreita escada dos fundos, inacessível a qualquer outra pessoa, e sou levado a uma pequena cela, um compartimento sem janelas onde antigamente mantinham os prisioneiros enquanto esperavam audiência com o juiz. Alguns minutos depois, Gardy chega são e salvo. Partner sai e fecha a porta.

– Como vai? – pergunto quando ficamos sozinhos.

Ele sorri e esfrega os pulsos, sem algemas por algumas horas.

– O.k., eu acho. Não dormi muito. – Também não tomou banho, porque tem medo. De vez em quando ele faz uma tentativa, mas eles não ligam a água quente. Assim, Gardy fede a suor rançoso e lençóis sujos, e agradeço por ele ficar bem distante do júri. A tintura negra está aos poucos saindo de seus cabelos, que a cada dia ficam mais claros, e sua pele fica mais pálida. Ele está mudando de cores diante do júri, outro sinal claro de suas aptidões animais e tendências satânicas.

– O que vai acontecer hoje? – pergunta ele, com uma curiosidade quase infantil. Ele tem um QI de 70, apenas o suficiente para ser processado e sentenciado à morte.

– Receio que mais do mesmo, Gardy. Apenas mais do mesmo.

– Você não pode fazê-los parar de mentir?

– Não, não posso.

O Estado não tem nenhuma prova concreta ligando Gardy aos assassinatos. Zero. Assim, em vez de avaliar a falta de provas e reconsiderar o caso, o Estado está fazendo o que sempre faz. Continua plantando provas com mentiras e falsos testemunhos.

Gardy passou duas semanas no tribunal ouvindo mentiras, fechando os olhos enquanto sacudia a cabeça lentamente. Ele é capaz de sacudir a cabeça durante horas e os jurados devem achar que é maluco. Eu disse a ele para parar, sentar-se direito, pegar uma caneta e rabiscar alguma coisa em um bloco como se fosse inteligente e quisesse lutar, revidar, vencer. Mas ele simplesmente não consegue fazer isso e não posso discutir com meu cliente na sala do tribunal. Eu também lhe disse para cobrir os braços e o pescoço a fim de esconder as tatuagens, mas ele se orgulha delas. Eu lhe disse para tirar os piercings, mas ele insiste em continuar sendo quem é. As brilhantes criaturas que administram a cadeia de Milo proíbem piercings de qualquer tipo, a menos que, é claro, você seja Gardy e vá voltar à sala do tribunal. Nesse caso, use-os no rosto todo.

Pareça o mais repulsivo, doentio e satânico possível, Gardy, de modo que seus iguais não tenham nenhum problema com sua culpa.

Em um gancho, há um cabide com a mesma camisa branca e calça cáqui que ele tem usado todos os dias. Paguei por essa indumentária simples. Lentamente, ele abre o zíper do macacão laranja de presidiário e sai de dentro dele. Ele não usa roupa de baixo, algo que notei no primeiro dia do julgamento e tenho tentado ignorar desde então. Veste-se lentamente.

– Tantas mentiras – diz ele.

E ele tem razão. O Estado chamou dezenove testemunhas até agora e nenhuma resistiu à tentação de florear um pouco ou de simplesmente mentir descaradamente. O patologista que fez as autópsias no laboratório criminal do estado disse ao júri que as duas pequenas vítimas morreram afogadas, mas também acrescentou que um “traumatismo contundente” em suas cabeças foi um fator que contribuiu. É uma história melhor para a acusação se o júri acreditar que as meninas foram estupradas e surradas antes de serem atiradas no lago. Não há nenhuma evidência física de que tenham de algum modo sido sexualmente molestadas, o que não impediu a acusação de incluir isso como parte do caso. Eu regateei com o patologista por três horas, mas é difícil discutir com um especialista, ainda que seja um incompetente.

Como o Estado não possui provas, é forçado a fabricar algumas. O testemunho mais ultrajante veio de um informante que chamam de Smut – desbocado ou boca suja –, um apelido apropriado. Smut é um consumado mentiroso do tribunal que testemunha o tempo todo e é capaz de dizer o que quer que os promotores queiram que ele diga. No caso de Gardy, Smut estava de volta à cadeia sob uma acusação de porte de drogas e encarando dez anos de prisão. Os policiais precisavam de algum testemunho e, como era de esperar, Smut estava à disposição. Eles lhe informaram detalhes dos crimes, depois transferiram Gardy de uma

prisão regional para uma cadeia do condado onde Smut estava trancafiado. Gardy não fazia a menor ideia do motivo de estar sendo transferido e não desconfiava que estivesse sendo atraído para uma armadilha. (Isso aconteceu antes de eu me envolver no caso.) Atiraram Gardy em uma pequena cela com Smut, que se mostrou ansioso para conversar e ajudar no que pudesse. Alegou detestar os policiais e conhecer alguns bons advogados. Ele também havia lido sobre os assassinatos das duas meninas e tinha um palpite de quem realmente as havia matado. Como Gardy não sabia nada a respeito dos assassinatos, nada tinha a acrescentar à conversa. Ainda assim, em vinte e quatro horas Smut alegou ter ouvido uma confissão completa. Os guardas o arrancaram da prisão e Gardy nunca mais o viu, até o julgamento. Como testemunha, Smut se arrumou, apresentou-se de camisa e gravata, os cabelos cortados, e escondeu suas tatuagens do júri. Com surpreendentes detalhes, ele repetiu o relato de Gardy de como ele seguiu as meninas até o bosque, derrubou-as de suas bicicletas, amordaçou-as e amarrou suas mãos, depois torturou-as, molestou-as e surrou-as, antes de atirá-las no lago. Na versão de Smut, Gardy estava completamente drogado e andara ouvindo heavy metal.

Foi uma grande performance. Eu sabia que era tudo mentira, assim como Gardy e Smut, bem como os promotores e os policiais, e desconfio que o juiz também tinha suas suspeitas. No entanto, os jurados engoliram a história com nojo e olharam com ódio para o meu cliente, que absorveu tudo com os olhos fechados e sacudindo a cabeça, não, não, não. O depoimento de Smut foi tão assustadoramente horripilante e rico em detalhes que às vezes era difícil acreditar que ele estivesse de fato inventando tudo aquilo. Ninguém pode mentir assim!

Eu pressionei Smut por oito horas a fio, um dia exaustivamente longo. O juiz estava mal-humorado e os jurados de olhos turvos, mas eu poderia ter continuado por uma semana. Perguntei a Smut quantas vezes ele havia testemunhado em processos criminais. Ele disse que talvez

duas vezes. Apresentei os registros, refresquei sua memória e repassei os outros nove julgamentos em que ele havia realizado o mesmo milagre para nossos honestos e justos promotores. Com sua confusa memória parcialmente restaurada, perguntei-lhe quantas vezes ele tivera sua pena reduzida pelos promotores depois de mentir para eles no tribunal. Ele disse que nunca, então eu repassei cada um dos nove casos outra vez. Mostrei a papelada. Deixei perfeitamente claro para qualquer um, especialmente os jurados, que Smut era um informante mentiroso contumaz, que trocava falso testemunho por leniência.

Confesso – fico com raiva no tribunal e isso geralmente depõe contra mim. Perdi a calma com Smut e pressionei-o tão implacavelmente que alguns jurados se tornaram simpatizantes. O juiz finalmente me disse para seguir em frente, mas eu não o fiz. Detesto mentirosos, especialmente os que juram dizer a verdade e depois inventam um testemunho para incriminar meu cliente. Gritei com Smut e o juiz gritou comigo, e às vezes parecia que todo mundo estava gritando. Isso não ajudou a causa de Gardy.

Seria de imaginar que o promotor interrompesse seu desfile de mentirosos com uma testemunha confiável, mas isso exigiria alguma inteligência. Sua próxima testemunha era outro presidiário, outro drogado que declarou que estava no corredor perto da cela de Gardy e ouviu-o confessar a Smut.

Mentiras atrás de mentiras.

– Por favor, faça-os parar – diz Gardy.

– Estou tentando, Gardy. Estou fazendo o melhor que posso. Precisamos ir.